IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE

O Vale do Jequitinhonha é uma realidade cujos detalhes ainda desafiam a argúcia dos planejadores e dos homens do Governo. Conheço-o de longa data. Confesso, todavia, que sempre me foi difícil dizer qual de seus problemas merece maior prioridade. Com efeito, a solução de um acarreta o surgimento de outros, ligados às migrações, ao saneamento básico, ao abastecimento, à educação e ao ensino, à energia elétrica, ao sistema ecológico etc. O Vale do Jequitinhonha é, assim, um todo cuja problemática deve ser encarada e resolvida como um só bloco atacado, a um só tempo, pelos Governos da União, do Estado e dos municípios integrantes de sua área geográfica.
Não resta dúvida que muito se tem feito em prol do Vale. Ainda hoje, porém, as condições de vida humana nela existente suscitam visões diferentes. É o que se pode constatar na poesia de Ronald Clever, Adão Ventura e Paulinho Assunção, que o Governo de Minas, através da Coordenadoria de Cultura, manda editar.
Em *Nas Águas do Jequitinhonha, Jequitinhonha — Poemas do Vale* e *Cantigas de Amor & Outras Geografias* verifica-se a reação individual de cada poeta em face de uma só realidade. Os três livros podem ser considerados como três espelhos diferentes captando e refletindo uma só imagem da terra e do homem, de suas lutas, de suas dores, de seus anseios, de suas esperanças e, no fundo de tudo, do seu imenso desejo de viver e vencer.

Wilson Chaves
Coordenador de Cultura

Adão Ventura

JEQUITINHONHA
poemas do vale

Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais
Belo Horizonte — 1980

Planejamento Gráfico:
Maurício Andrés
Programação Visual e Montagem:
Iano Soares
Desenho do autor:
Juliana Junqueira.

Capa: Foto de Cristiano Quintino.
Ilustrações: Fotos de Cristiano Quintino e Herbeth Teixeira.

VENTURA, Adão.
V468j Jequitinhonha poemas do Vale. (Belo Horizonte, 1980).
Impressão: I. Oficial de Minas Gerais.

I. Título.
CDD: B869
CDU: 8-1

Impresso na Imprensa Oficial de Minas Gerais

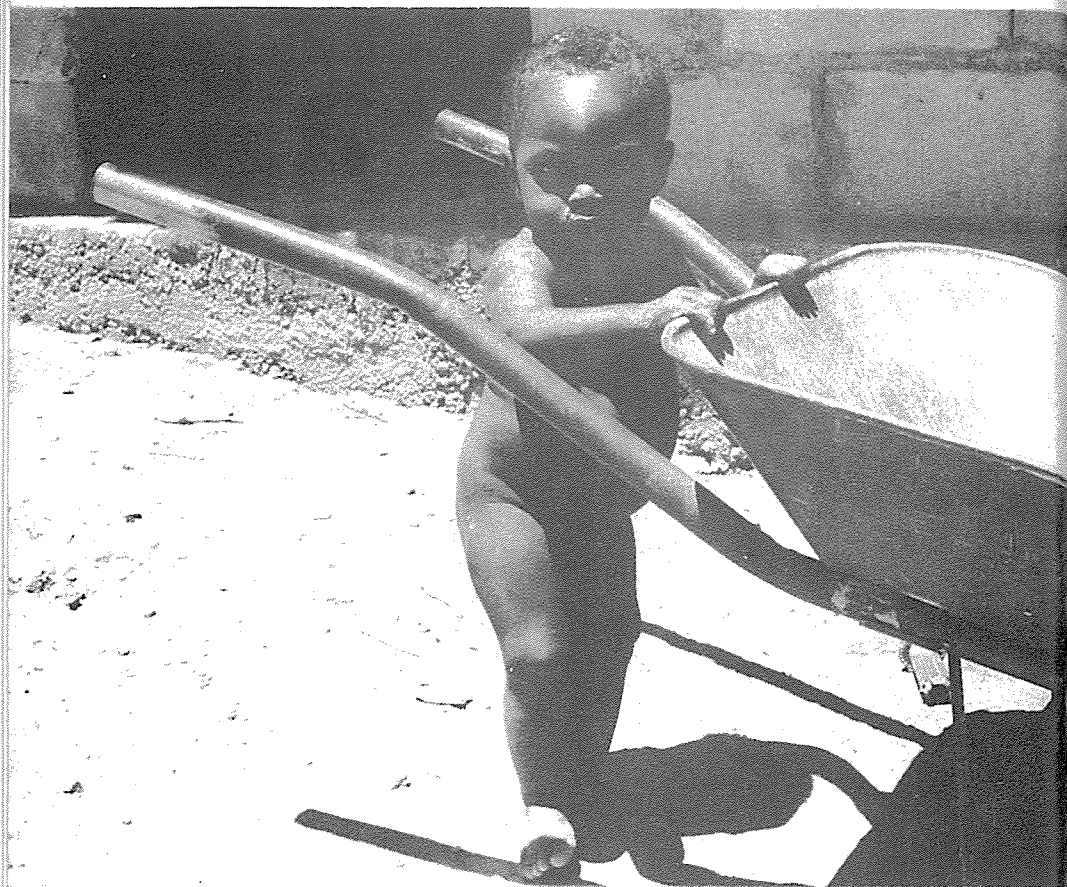
SUMÁRIO

Estes poemas são ligeiros instantâneos de uma viagem cultural realizada no Vale do Jequitinhonha em outubro de 1979.

Para
Myriam Tavares

Para
Zefa e Lira
— o pessoal do Vale.

PARTE
(1)

Rituais

NOTA BIOGRÁFICA

eu nasci
        mesmo
foi nas águas
de Santo Antônio do Itambé.

mas,
foi no Sêrro,
o Sêrro de Vicente Naná,
Doutor Tolentino
e Teodoro da Fazenda
que firmei pé
e descobri que o mundo era bem maior.

FESTA DE N. S. DO ROSÁRIO: DANÇAS TÍPICAS

(Sêrro/MG)

1) *Os Marujos*

marejando
máscaras
da maré do ouro
sambando aventuras
do terra adentro.
sobre o escuro das catas
o estrume das castas

— minerar de ganâncias & mixórdias.

Nota: Os Marujos *simbolizam o descobridor, o que veio de longe, o estrangeiro de punhos rendados.*

2) *Os Caboclos*

entre lanças
& flechas
— eles lançam
a festa
incendiada
em cores.

Nota: Os Caboclos *simbolizam os índios: uma raça em extinção no Brasil. Ontem, dizimados pelos bandeirantes e demais aventureiros à cata de ouro e pedras preciosas. Hoje, desalojados de suas terras e obrigados a aceitarem uma imposição cultural do sistema.*

3) *Os Catopês*

reis e rainhas
príncipes e princesas

— mil truques/espelhos
xiquexiqueando
no entra-e-sai/rodopio
de cachaças e banzos.

Nota: Os Catopês *simbolizam os escravos: a força geradora de trabalho da sociedade escravocrata dos séculos do ouro, o eito, o sol-a-sol, o chicote no lombo, as picardias dos feitores e senhores.*

NATAL

(I)

Natal é missa do galo à meia-noite,
leitão e farofa de Conceição do Mato Dentro,
cachaça de Peçanha, doce de cidra e rapadura
preta de Santo Antônio do Itambé,
requeijão de Itamarandiba,
queijo do Sêrro,
goiabada de São Gonçalo
do Rio das Pedras,
estórias de seu Teodoro da Fazenda,
vestido de chita de Biribiri,
lingüiça de Morro do Pilar,
doce de leite de Sabinópolis,
marmelada de Guanhães,
modinhas de Diamantina
— na herança,
no sangue, na sombra do cerne dos olhos.

NATAL

(II)

um menino lerdo
num lençol de embira
mesmo qu'ma fonte
de estimada ira.

um menino lama
num anzol que fira
algum porte e corpo
e alma de safira.

um menino cápsula
de tesoura e crina
— ritual de crisma
sem fé ou parafina.

um menino-corpo
de machado e chão
a arrastar cueiros
de chistes e trovão.

PROCISSÃO

gente
de velas
na mão

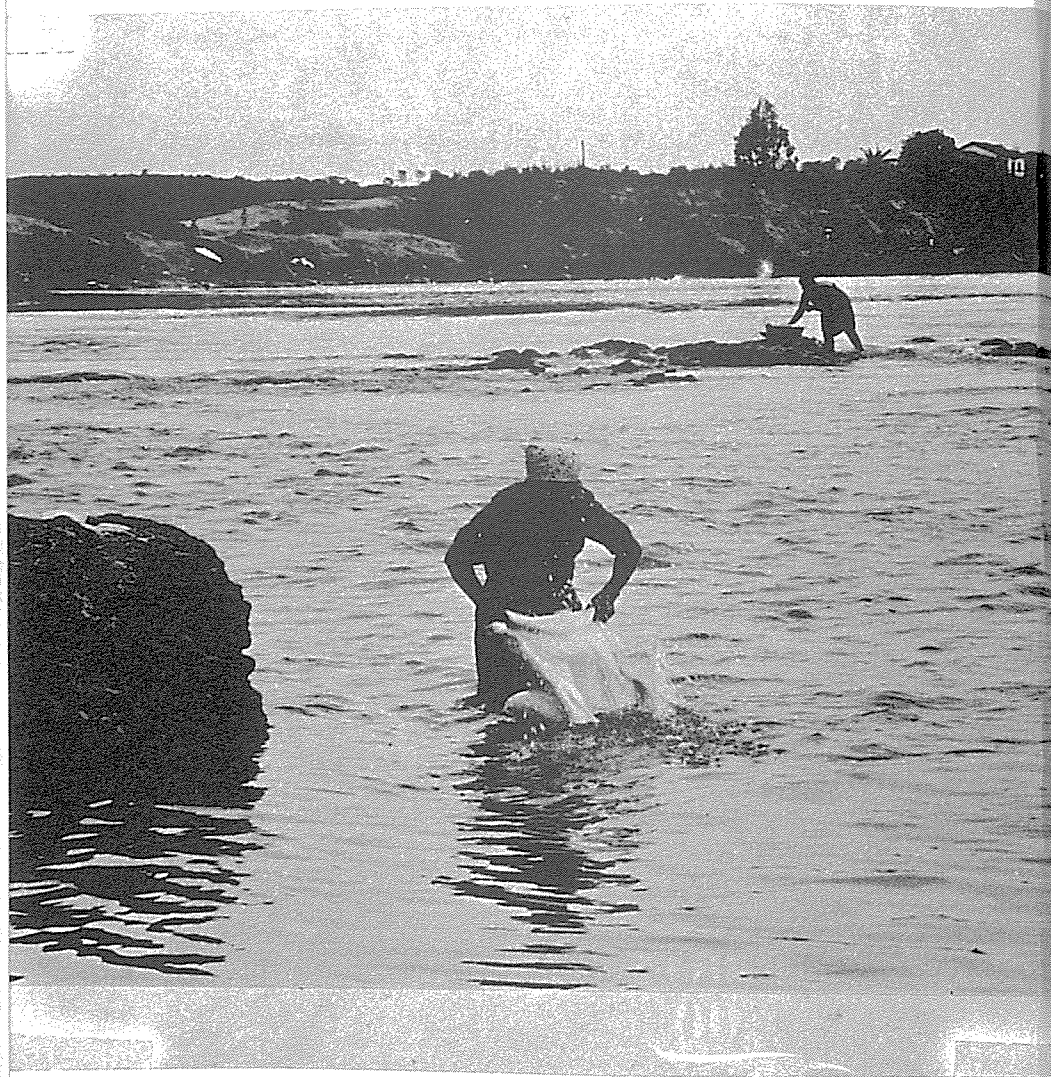
vela-se
ao santo.

entre as
curvas
das ruas

curva-se
ao santo.
no dobrar
das esquinas

dobram-se
ao santo
os joelhos genuflexos
e puros para o milagre.

PARTE
(II)

Do Alto Vale

PAISAGENS DO JEQUITINHONHA

Quem dança no vento
no ventre das águas
do Jequitinhonha?

Quem percorre o leve
de breves passos
nas margens do Araçuaí?

Quem detém dos pássaros
o ziguezaguear de vôos
recompondo sombras
sobre lixívias e lavras
de Chapada do Norte?

Quem imprime
em argila
a singeleza dos gestos
dos artesãos de Minas Novas?

ARAÇUAÍ, CORONEL MURTA E ITINGA: GARIMPAGEM

garimpeiros
de posta praça
mesmo em tempo de desovas
— lavragem de sóis temporões.

garimpeiros
de posta praça
— campo de vãs tempestades
— fazendar de parcos fôlegos.

garimpeiros
de posta praça
— lençóis de pálidas águas
trançadas em teias de dúvidas.

VIRGEM DA LAPA

(milagres — romarias)

Em Virgem da Lapa
deposito
o meu peso
de ter nascido
neste mundo torto.

TEARES DE BERILO E ROÇA GRANDE

teça o seu corpo
no tear mais simples
aquele que lhe resta
pelo suor e origem.

teça o seu corpo
ainda que a música
lhe desagrade.

teça o seu corpo
sem o menor temor
mesmo que falte o porto
de precárias balsas.

teça o seu corpo
no tear mais simples
— aquele que lhe resta
pelo suor e origem.

CHAPADA DO NORTE

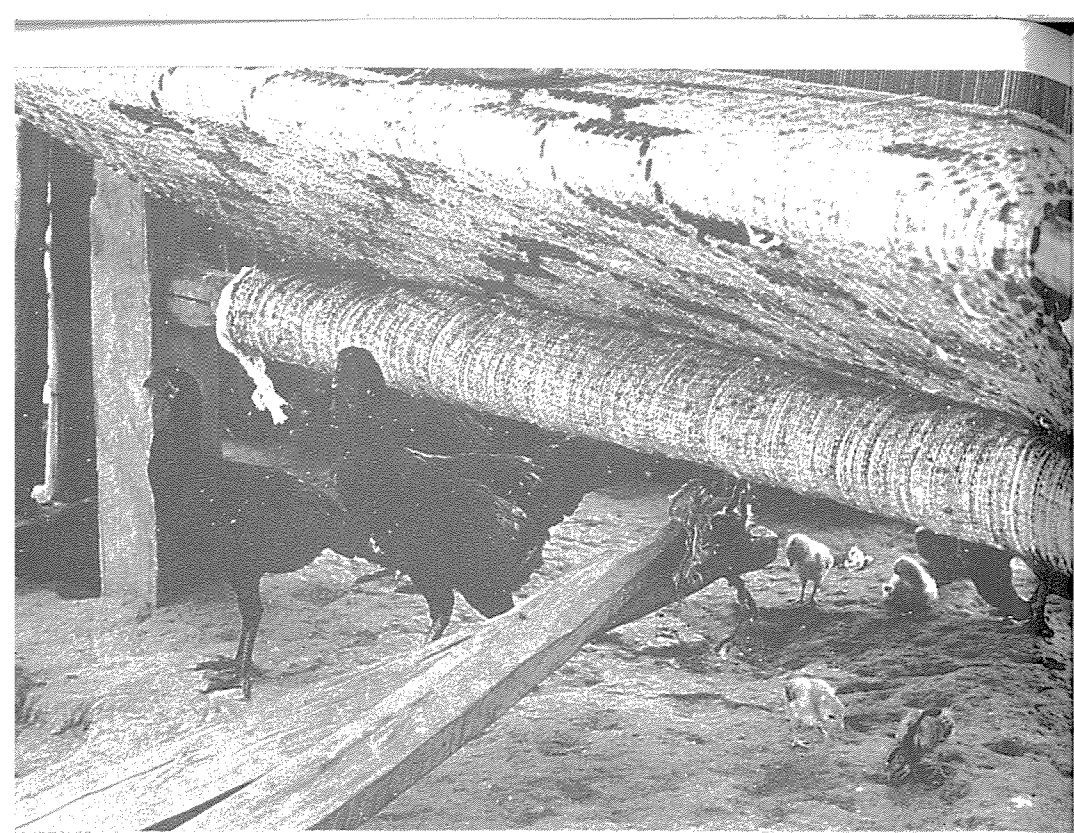
Chapada do Norte
solapada e solta
no desvão da sorte.

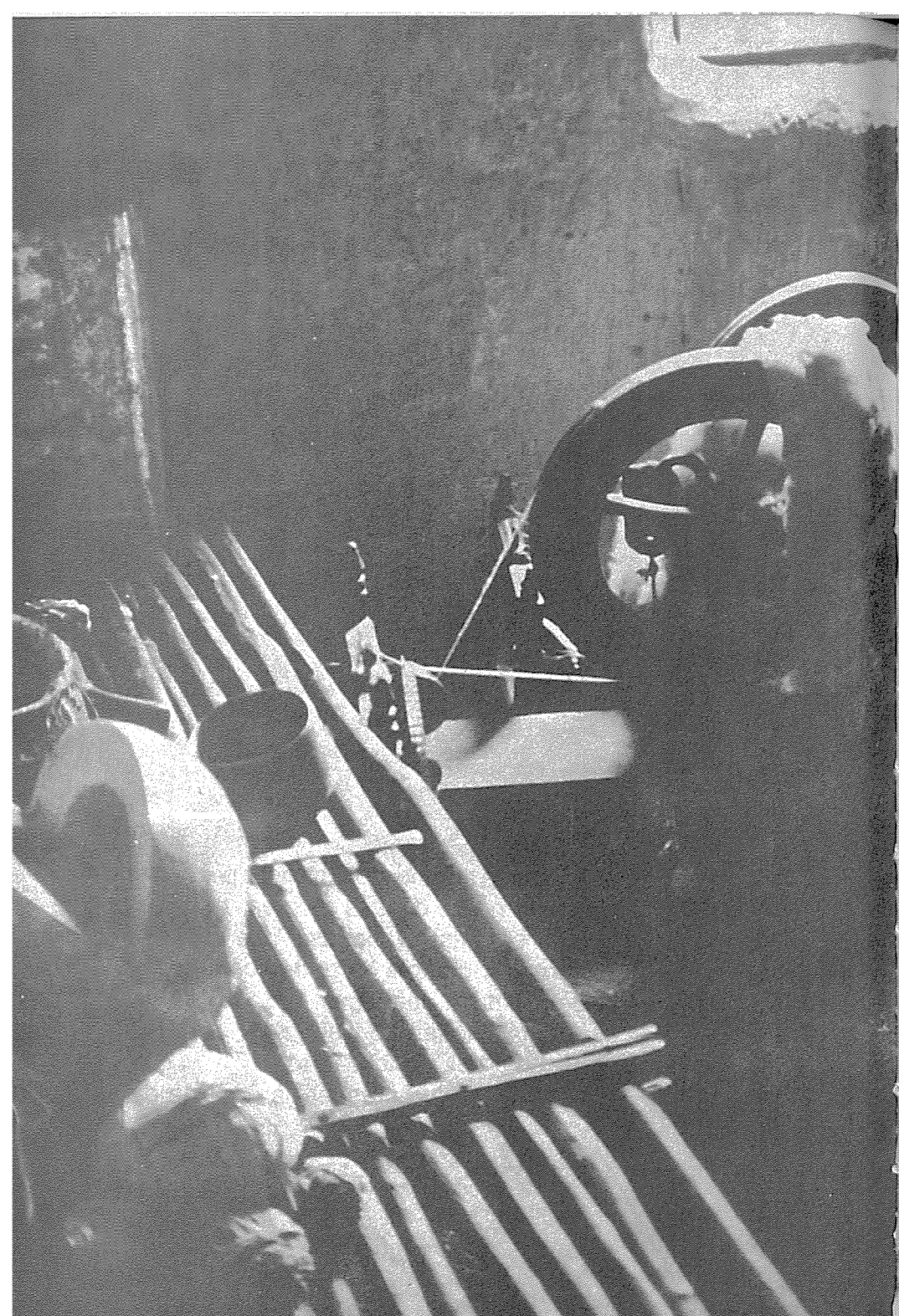
Chapada do Norte
saqueada e rota
nos salões da corte.

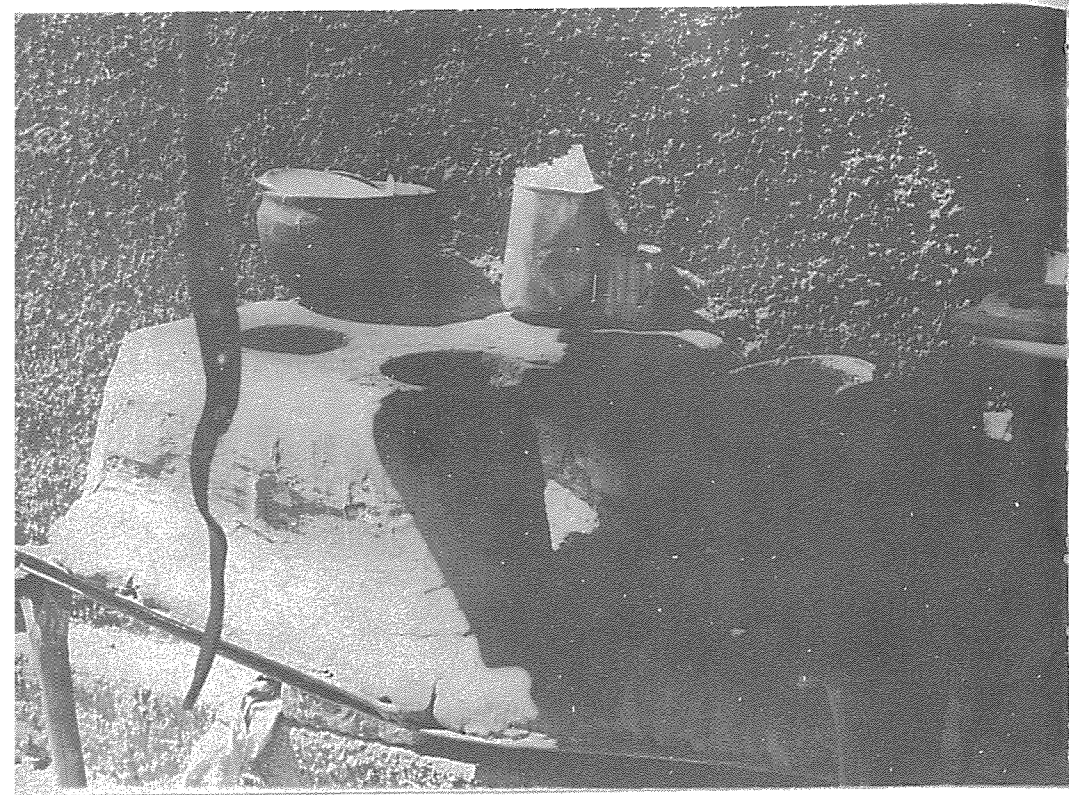
Chapada do Norte
teu ouro
teu agouro
asma
de fantasmas.

Chapada do Norte
picardias de lamas
debruns de mofo.

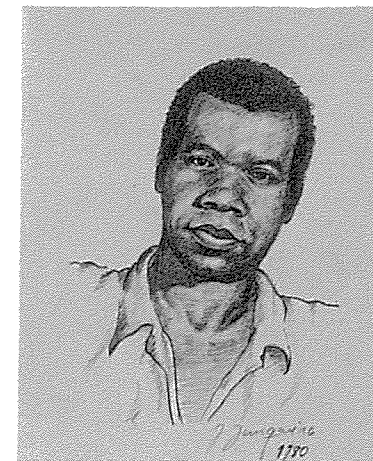
PARTE (III)

Tessituras

IAM

acho que a gente poderia ficar por aqui mesmo,
sentar no pé desses montes,
falar com as lavadeiras,
aprender ciência de remédios caseiros,
beber muita cachaça,
escutar modas de viola
— namorar, dançar forró
— espiar a lua crescer na encosta da serra.

IAM

não sei não. mas aqui a gente
conversa assuntos
que na Capital necas/nadas.
lá é aquela gente correndo
— corredeira sem-fim
pra qualquer decá aquela palha.

IAM

na Capital tudo parece falso — plastificado,
até o amor.

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS

ADÃO VENTURA Ferreira Reis nasceu no Sêrro, Estado de Minas Gerais, em 1946. Formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1971, em 1973 foi convidado pela University of New México para lecionar Literatura Brasileira Contemporânea, nos Estados Unidos. No mesmo ano, participou de Congresso de Escritores Internacionais (internacional Writing Program) promovido pelo Departamento de Letras da University of Iowa.

LIVROS PUBLICADOS:

Abrir-se um Abutre ou Mesmo Depois de Deduzir Dele o Azul (Texto/Poemas) Edições Oficina — Belo Horizonte, MG, 1970.
As Musculaturas do Arco do Triunfo (Textos/Poemas) — Editora Comunicação — Belo Horizonte, MG, 1976.
A Cor da Pele (Poemas) — Edição do Autor — Belo Horizonte, MG, 1980.

PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS:

Antologia Poética — Interlivros de Minas Gerais — Belo Horizonte, MG, 1976.
Cem Poemas Brasileiros Editora Vertente — São Paulo, SP, 1980.

PUBLICAÇÕES NO ESTRANGEIRO:

Modern Poetry in Translations 19-20 (Uma Antologia de Poetas dos Séculos XIX e XX), publicada pelo *Internacional Writing Program* da University of Iowa, USA, 1973.